

TEXTO ORIGINAL DO PROFESSOR – PESQUISADOR

DR. MÁRIO RIGATTO

Mario Rigatto

A educação de um povo, de acordo com o que a História nos ensina, constitui uma das maiores armas em favor de sua saúde. Povos com nível de educação elevado conseguiram reduzir os índices de morbidade e de letalidade de doenças como a tuberculose muito antes de se terem descoberto drogas eficientes para o seu tratamento.

A experiência que se vai acumulando com o tabagismo, tende a confirmar esta veterana lição.

Até a metade deste século, o tabagismo não predominava nas classes socialmente menos diferenciadas. Pelo contrário, eram as camadas sociais mais elevadas as que mais o praticavam. Este fato, aparentemente paradoxal, se justifica: por muito tempo, o tabaco foi considerado um fator positivo em relação à saúde humana. Desde o laudatório relato feito por Jean Nicot à rainha de França, quando lhe enviou as primeiras amostras do tabaco americano, até poucas décadas atrás, o tabaco foi considerado um fator potencialmente benéfico a saúde.

Com o correr do tempo, no entanto, e especialmente nas décadas de 1950 e 1960, a extrema agressividade do tabaco tornou-se evidente. A partir daí iniciou-se um curioso fenômeno de transformação da incidência da epidemia tabágica: ela foi gradativamente migrando das camadas socialmente mais altas para as camadas mais humildes da população. Estudo realizado na Noruega mostra esta transformação de maneira bem objetiva. Nele se verifica que, na primeira metade deste século, as mulheres norueguesas que mais fumavam eram as que tinham o mais alto nível de educação. Hoje, o contrário ocorre.

A evidência de que, atualmente, o tabagismo prevalece nas camadas menos aquinhoadas da sociedade é ampla. Na Grã-Bretanha a população foi dividida em cinco estratos sociais e as práticas tabágicas de cada um deles foi medida. A relação que se obteve é quase linear, mostrando uma relação inversamente proporcional entre o grau de educação de cada estrato e o consumo de tabaco pelo mesmo.

<http://www.edsonolimpio.com.br>

www.edsonolimpio.org.br

No Brasil possuímos dados relativos ao Estado do Rio Grande do Sul. Lá se verificou que a percentagem de fumantes na população adulta masculina é da ordem de 56%. Entre profissionais liberais, isto é, população com nível educacional mais elevado, 40%. Entre mineiros de carvão, população de nível educacional mais baixo, 68%. Entre plantadores de cana de açúcar, onde o número de analfabetos é alto, a percentagem ultrapassa os 70%.

Também no Rio Grande do Sul, estudos dedicados à avaliação do efeito do fumo sobre a mulher gestante demonstraram que o tabagismo é cerca de duas vezes mais frequente em mulheres pobres, e conseqüentemente de nível educacional mais baixo, do que entre mulheres de nível sócio-econômico mais alto.

Em Porto Alegre, um inquérito entre estudantes de curso primário e secundário, no qual foi registrada a renda per capita das famílias a que pertenciam os alunos, permitiu demonstrar que nas escolas frequentadas pela população menos bem aquinhoadas do ponto de vista sócio-econômico, a percentagem de alunos fumantes era quase o dobro da verificada nas escolas frequentadas por alunos pertencentes à classe mais rica.

Ilustrativo é o exemplo verificado entre os médicos norte-americanos. De uma maneira geral, os médicos daquele país fumam menos do que pessoas do seu mesmo estrato sócio-econômico. A explicação é de que os médicos fumam menos porque, em relação ao problema tabagismo, sabem mais. Além disso, verificou-se que, dentro da própria população médica, os que menos fumam são os especialistas em doenças do tórax e os radiologistas, possivelmente os médicos que mais sabem sobre tabagismo.

Exemplo semelhante verificou-se em Porto Alegre. Inquérito realizado entre profissionais liberais não-médicos acusou uma percentagem de fumantes de 40%. Entre os médicos, a percentagem foi de 29%.

O efeito protetor da educação sobre a saúde tem sido atribuído à maior capacidade de informação de comunicação e de utilização dos recursos disponíveis pela população de nível educacional mais elevado. O tabagismo constitui um exemplo singular pois mostra que mesmo uma agressão que utiliza maciçamente a propaganda em seu favor - veiculando informações

incorretas sobre os seus efeitos - é passível de ser enfrentada, com vantagem, pela força da educação.

O reconhecimento de que a educação pode proteger a população deste grande mecanismo de agressão à saúde que é o tabagismo, levou a Secretaria da Saúde e a Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul a desenvolver, já há vários anos, um programa de educação sobre o tabagismo dirigido a escolares de 1º e 2º grau. Levantamentos periódicos mostraram que, ao longo dos anos em que o programa se desenrolou, o número de alunos fumantes diminuiu progressivamente.

Abaixo estão anexados dois links para visualização do Amigo e da Amiga que me acompanham em Crônicas & Agudas by Eds Olimpico!

https://www.researchgate.net/publication/245829897_Mario_Rigatto_meu_mestre_28121928_-_1712000

<https://youtu.be/EQvTL6JCFIw>